

# Sim, ainda temos analfabetos

SEG, 16 DE NOVEMBRO DE 2009 10:58



Se a situação do País como um todo é crítica, imagine no interior da Amazônia em que a infra-estrutura é fator limitante

**RAIMUNDO NONATO BRABO ALVES**

Comecei minha carreira profissional como engenheiro agrônomo. Fui extensionista rural na antiga Aster no Estado do Amapá na década de 1970. Sempre trabalhei com a orientação a pequenos agricultores familiares que cultivavam mandioca a 350 quilômetros de Macapá.

Os sistemas de cultivo eram iguais aos praticados por nossos ancestrais indígenas, no tradicional sistema de derruba e queima da vegetação. Naquela época, dois

grandes entraves para que os pequenos agricultores adotassem as recomendações tecnológicas eram evidenciados: o baixo nível de escolaridade e a arraigada tradição cultural.

A comunicação de massa começava a dar os primeiros passos e só havia disponível o rádio. A comunicação interpessoal de longa distância só era possível por meio da radiofonia mantida pelo poder estatal. As vias de acesso eram precárias e as vicinais intransitáveis. A energia elétrica era indisponível nestas remotas comunidades, pois na sede do município funcionava somente das 18 às 23 horas.

## **Parabólica, internet, estradas. E daí?**

Hoje, 33 anos depois, mesmo com o advento da energia elétrica no campo, telefonia celular, televisão provida à antena parabólica, internet, melhores vias de acessos e transporte, por que a realidade continua a mesma em milhares de comunidades rurais da Amazônia?

Por que os agricultores principalmente aqueles que vivem do cultivo da mandioca persistem na prática de conhecimentos rudimentares, suficientes apenas para manter a subsistência? Por que essa realidade de subdesenvolvimento permeia tanto comunidades isoladas, como comunidades que distam apenas 36 km de Belém, capital do Estado do Pará?

Preocupados em mudar esta realidade, transformando o cultivo da mandioca em uma nova oportunidade de geração de emprego e renda, desenvolvemos dois métodos bastante simplificados para a compreensão dos agricultores familiares: A "Roça sem fogo" e o "Trio da produtividade na cultura da mandioca".

## **Mil agricultores familiares**

O primeiro para a solução do problema mais urgente que a Amazônia necessita resolver: a eliminação das queimadas. Descreve passo a passo o preparo de uma roça sem a utilização do fogo, manejando a capoeira com os recursos e instrumentos que os agricultores dispõem, valorizando a matéria orgânica abundante da vegetação, obtendo-se rendimentos equivalentes ou até superiores ao sistema tradicional.

O segundo concentra esforços em três componentes do sistema de produção de mandioca apenas sugerindo a mudança do modo de cultivo dos agricultores, aumentando o rendimento de raízes, também respeitando os recursos que os agricultores tem disponível na propriedade.

Nas 30 oficinas realizadas para difusão do método em diferentes comunidades do Baixo Tocantins no Estado do Pará, interagimos com pouco mais de 1 mil agricultores familiares. Destes em média cem agricultores assumiram o compromisso de reproduzir em seus futuros roçados os métodos em discussão. Seis meses depois apenas 12 agricultores haviam instalado seus roçados segundo as orientações dos métodos, isto é, 1% do universo de agricultores atingidos.

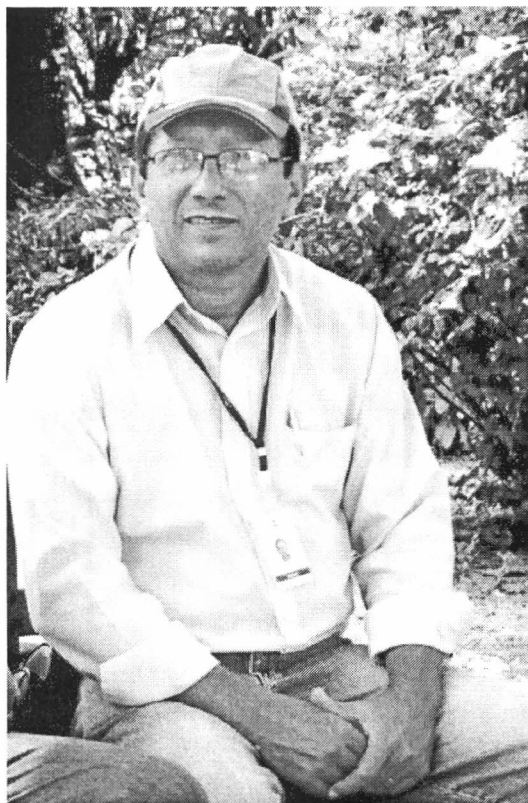
É intrigante o baixo percentual de adoção de tecnologias, mesmo com todo o avanço tecnológico em comunicação. Quais fatores devem ser considerados mais limitantes para que os pequenos agricultores familiares, mesmo participando das metodologias de difusão de tecnologias, não as reproduzam em seus sistemas de produção?

## **30 milhões de pessoas**

Um novo indicador que recentemente passou a ser monitorado no Brasil pelos institutos de pesquisa, provocou-nos a reflexão: o analfabetismo funcional. O conceito de analfabeto funcional é aplicado à pessoa que, mesmo com a capacidade de ler minimamente as palavras e os números, não desenvolve a habilidade de interpretar textos e de

fazer as operações matemáticas.

O IBGE divulgou dados em 2008 revelando que 21% da população, ou seja, 30 milhões de brasileiros estão na condição de analfabetos funcional. Outros institutos trabalham com maiores percentuais, como o Instituto Paulo Montenegro, que vêm quantificando índices superiores a 60% desde 2001, alcançando em 2007 a taxa de 68% da população brasileira. Há relatos de que em alguns países desenvolvidos, principalmente daqueles com sistema educacional mais eficiente, esse índice é inferior a 10%, como na Suécia, por exemplo.



### Uma chaga no Baixo Tocantins

Se a situação do País como um todo é crítica, imagine no interior da Amazônia em que a infra-estrutura é fator limitante e o investimento em educação é incipiente. Pesquisa de levantamento socioeconômico aplicada nas comunidades em que atualmente trabalhamos no Baixo Tocantins, entre agricultores e seus familiares, revelou que no universo de 1.954 pessoas, 32% possuem o Ensino Fundamental e 10% o ensino médio. Nenhuma família entrevistada possuía algum membro com nível superior, porém identificou-se que 23% foram apenas alfabetizados e 22% são analfabetos.

Essa realidade nos remete a refletir que este deve ser o fator mais limitante no processo de comunicação para transferência e adoção de tecnologias, que vem se reproduzindo ao longo de gerações, resultando na prática de uma agropecuária meramente extrativista, contribuindo para a degradação dos recursos naturais.

A maioria dos agricultores familiares não consegue assimilar as recomendações técnicas que poderiam aumentar o rendimento de suas lavouras e criações, para elevar sua qualidade de vida. Eles não têm acesso à informações complementares que possam elevar suas aspirações de investimento e motivar a aplicação das tecnologias que promovam aumento de produção, pois não conhecem oportunidades de diversificar produtos com maior valor agregado para atender novos mercados. De outro

lado, há uma carência muito grande na Amazônia de técnicos qualificados e instituições organizadas para tratar da comunicação com agricultores familiares deste perfil de escolaridade.

Se não houver investimento consistente em educação, não haverá programa milagroso que mude a situação de crônico subdesenvolvimento de nossa região. Existe uma correlação direta entre o baixo nível de escolaridade da população, a precária qualidade de vida das comunidades rurais e o desequilíbrio ambiental da Amazônia. Certamente com estes indicadores de escolaridade da população será difícil, quase impossível, fazer a revolução que a Amazônia necessita, para atingir à tão esperada sustentabilidade econômica e equilíbrio ambiental.

**O autor é pesquisador da Embrapa, edita o blog Amazônia em Devaneios e colabora com a Agência Amazônia.**

**LEIA TAMBÉM**

**Solidariedade ajuda a combater o analfabetismo no Alto Rio Juruá**

**twitter**

<http://twitter.com/AgenciaAmazonia>